



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS**

Felipe Mizaél Florêncio de Carvalho

ENTRE TABUS E O PRAZER: O EROTISMO EM “MANUEL”, DE ANAÏS NIN

GUARABIRA

2019

FELIPE MIZAEFLORÊNCIO DE CARVALHO

ENTRE TABUS E O PRAZER: O EROTISMO EM “MANUEL”, DE ANAÏS NIN

Trabalho de Conclusão de Curso ou
Dissertação ou Tese apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Letras
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciado em Letras.

Área de concentração: Literatura e
Comparação Intercultural.

Orientador: Prof. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos.

GUARABIRA

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C331e Carvalho, Felipe Mizael Florencio de.
Entre tabus e o prazer NTRE TABUS E O PRAZER
[manuscrito] : o erotismo em "Manuel", de Anaís Nin / Felipe
Mizael Florencio de Carvalho. - 2019.
24 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Clara Mayara de Almeida
Vasconcelos, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Literatura. 2. Erotismo. 3. Anaís Nin. I. Título
21. ed. CDD 401.41

FELIPE MIZEL FLORÊNCIO DE CARVALHO

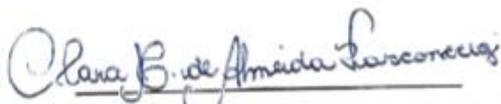
ENTRE TABUS E O PRAZER: O EROTISMO EM "MANUEL", DE ANAÍS NIN

Artigo apresentada (o) ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado com Licenciatura Plena em Letras.

Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovada em: 29/11/2019.

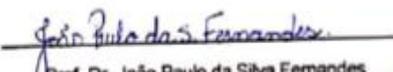
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Rosângela Neres Araújo da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Consideramos ofensas as cortesias de
pessoas que não amamos.
(Friedrich Nietzsche)

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	7
1 INTRODUÇÃO.....	8
2 ANAÏS NIN E <i>DELTA DE VÊNUS</i> : BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO.....	10
3 COMO A LITERATURA ERÓTICA É VISTA.....	12
4 “MANUEL”: ASPECTOS ERÓTICOS.....	16
5 CONCLUSÃO.....	22
REFERÊNCIAS.....	24

ENTRE TABUS E O PRAZER: O EROTISMO EM “MANUEL”, DE ANAÏS NIN

Felipe Mizael Florêncio de Carvalho¹

RESUMO

O presente trabalho desenvolve-se em torno de uma discussão acerca do erotismo e a sua expressão na literatura. Como essa categoria muitas vezes é malvista, em especial por uma sociedade conservadora, buscamos, com este trabalho, contribuir para que esta literatura ganhe mais espaço nas discussões acadêmicas e as suas qualidades estéticas sejam reconhecidas. O foco deste trabalho é analisar as representações do erotismo na literatura por meio do conto “Manuel”. Esta narrativa escolhida está contida no livro de contos *Delta de Vênus* (2016), produzido pela escritora francesa Anaïs Nin. Para o desenvolvimento desta pesquisa qualitativa e caráter bibliográfico e documental, utilizamos como arcabouço teórico as contribuições de autores como Georges Bataille (1987), Francesco Alberoni (1988), Octavio Paz (1994) e Lucia Castello Branco (2004). Os resultados alcançados mostram que o erotismo pressupõe características pornográficas em sua composição e que esses elementos existem porque o homem faz da reprodução uma atividade particular diferente dos animais.

Palavras-chave: Literatura. Erotismo. Anaïs Nin.

BETWEEN TABOOS AND PLEASURE: THE EROTICISM IN "MANUEL", BY ANAÏS NIN

ABSTRACT

The present work develops around a discussion about eroticism and its expression in the literature. As this category is often malevolent, especially by a conservative society, we seek, with this work, to contribute to this literature gain more space in academic discussions and its aesthetic qualities are recognized. The focus of this paper is to analyze the representations of eroticism in literature through the tale “Manuel”. This chosen narrative is contained in the book of short stories *Delta de Venus* (2016), produced by the French writer Anaïs Nin. For the development of this qualitative research and bibliographic and documentary character, we used as theoretical framework the contributions of authors such as Georges Bataille (1987), Francesco Alberoni (1988), Octavio Paz (1994) and Lucia Castello Branco (2004). The results show that eroticism presupposes pornographic characteristics in its composition and that these elements exist because man makes reproduction a particular activity different from animals.

Keywords: Literature. Eroticism. Anaïs Nin.

¹ Aluno do Curso de Graduação em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III.
E-mail: ofelipenow@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Os adjetivos *erótico* e *pornô* são muito conhecidos, especialmente pelos apreciadores de trabalhos com esta temática. Além das artes plásticas, moda, literatura e cinema, alguns artistas da música já fizeram trabalhos voltados para a indústria erótica. Para citar alguns exemplos, podemos destacar a produção de alguns famosos da cultura Pop, tais como a cantora Madonna que em 20 de outubro de 1992 lançou um álbum intitulado *Erotica (Records)*, além de um livro, *SEX*, um dia após o lançamento do álbum. Fotografado por Steve Meisel e direção de arte de Fabien Baron, o livro traz fotos de cunho erótico, e nele é retratada a vida sexual de seu alter ego, Dita².

Os clipes das músicas seguiam a mesma linha, além da participação no filme intitulado *Corpo em Evidência* (1993)³. Esta empreitada jogou luz ao *BDSM*⁴. Um pouco mais recente, em 2010, a cantora caribenha Rihanna lançou um álbum intitulado *Loud*, em que há uma música na mesma linha do *BDSM, S and M*. Nesta canção, Rihanna faz alusão ao *BDSM*, embora não possua a mesma carga dramática da produção de Madonna.

Além do mais, é possível encontrarmos em outras representações o tema erotismo nos trabalhos de alguns artistas vanguardistas no mundo das artes plásticas e da moda. O estilista Gianni Versace, sucesso nos anos 1970/80/90 usava um estilo sexy remetendo ao fetichista. Tom Ford, quando estava na marca italiana Gucci, 1994/2004, mostrou que era possível ser sexy, abusar da transparência e ainda ser glamouroso. Na fotografia vale um destaque para Ellen Von Unwerth e David LaChapelle.

Observamos, assim, que nos diversos âmbitos da produção artística a representação do teor sexual é feita nos mais diversos níveis ao longo do tempo desde a Antiguidade Clássica, não se restringindo à contemporaneidade. Os exemplos acima foram citados a título de ilustração para nos mostrar como essa representação está presente em nosso cotidiano, em diversas esferas artísticas. Contudo, torna-se necessário situar nesse cenário o lugar que o erotismo ocupa no

² Informações disponíveis em: <<http://madonnaonline.com.br/2019/10/21/livro-sex-completa-27-anos-de-lancamento/>>. Acesso em 08 de out. 2019.

³ Disponível em: <<http://madonnaonline.com.br/2017/10/20/album-erotica-completa-25-anos/>>. Acesso em 08 de out. 2019.

⁴ Bondage, Disciplina, Submissão e Masoquismo

âmbito literário e a sua relação com a pornografia. Ressaltando que há diferença entre um e outro, apesar de próximos.

No campo da literatura, uma das representações artísticas que mais explora o erotismo, como uma de suas maiores representantes nesta área, Anaïs Nin, sua literatura é bastante profícua para tratar deste tema, as personagens apresentam grandes conflitos com suas transgressões morais, isto é, levando em consideração o que é moral para o senso comum.

Na obra **Delta de Vênus**, é possível o (a) leitor (a) se deparar com as demais situações envolvendo atos sexuais, realizações de fetiches etc. Neste trabalho será analisado o conto Manuel, este é encontrado no livro citado. A personagem, que tem como nome o título, será preterido por várias pessoas ao seu redor, isto começa com a própria família, **Manuel** era visto como um perverso.

Delta de Vênus é um dos trabalhos mais conhecidos da autora Anaïs Nin, ele explora a psiquê das personagens de seus contos, elas passam por todos os tipos de situações, a necrofilia aparece em um dos contos, pedofilia, voyeurismo entre outras. Cada conto traz uma temática que envolve o leitor e o faz testemunhar ocular das várias situações encontradas no decorrer da leitura.

O objetivo deste trabalho é analisar o que faz de uma obra, principalmente o conto Manuel, Delta de Vênus, ser erótica ou pornográfica. Será levado em consideração os variados conceitos de erotismo e pornografia, só assim a obra será compreendida como uma das duas nomenclaturas. O trabalho apresenta uma visão panorâmica para o universo erótico e pornográfico com o intuito de mostrar ao leitor (a) o que pode ser encontrado e como identificar suas variadas significações dentro de uma obra literária ou não.

Assim, analisar o conto “Manuel” da escritora Anaïs Nin, presente no livro *O delta de Vênus*, com o objetivo de ponderar acerca da representação dos traços eróticos que são preponderantes em sua constituição. Sendo assim, este trabalho se divide em três partes que tratam, respectivamente, de uma breve apresentação da autora e a sua importância no âmbito da produção literária de cunho erótico; uma discussão acerca do erotismo; e a análise do conto. Por isso, para o desenvolvimento desta pesquisa qualitativa e caráter bibliográfico e documental, utilizamos como arcabouço teórico as contribuições de autores como Georges Bataille (1987), Francesco Alberoni (1988), Octavio Paz (1994) e Lucia Castello Branco (2004).

2 ANAÏS NIN E *DELTA DE VÊNUS*: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Anaïs Nin foi uma romancista francesa conhecida por suas contribuições na produção literária erótica. Os seus trabalhos se caracterizam pela escrita de contos, romances e os diários da autora que relatavam atos sexuais. Sua obra mais famosa é *Delta de Vênus*, lançada no ano de sua morte (1977), a qual foi amplamente traduzida e publicada nas mais diversas línguas ocidentais.

A ascensão de *Delta de Vênus* como um grande livro erótico é sempre atribuído a rápida identificação do público feminino com a obra, tornando-se um estandarte acerca de liberdade sexual no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Essa identificação do público com as personagens é relacionada com a forma na qual Anaïs Nin cria um texto para ostentar a sexualidade e a liberdade de suas personagens. Além desse impacto social e de identificação que o texto recebeu do público, o texto foi elogiado pelo compromisso com o erotismo, enquanto uma estética e um projeto literário [...] (LIMA, 2018, p. 2982-2983).

O que se sabe sobre o livro em questão é que o mesmo foi encomendado por um colecionador e essa pessoa pagaria um dólar por folha escrita. Pode-se perceber ao ler o prefácio da obra⁵, que o colecionador queria o sexo pelo sexo, sendo assim, não queria muito de poesia em sua narrativa. Podemos percebermos na citação abaixo um pouco de suas contribuições para a literatura erótica:

Anaïs Nin foi a melhor romancista moderna que depois praticou o erotismo literário. É uma escritora surrealista influenciada por sonhos e inconsciente. Ligada a Antonin Artaud e ao Dr. René Allendy escreveu, segundo Alexandrian, a obra '*Vênus erótica é certamente o livro mais autêntico e o mais curioso do erotismo feminino*' (1993, p. 308). Essa obra apresenta uma qualidade dominante: o onirismo. É abordado o universo dos sonhos mais loucos de uma mulher sobre o amor físico. Mais ainda, é a concepção feminina acerca da descrição poética das relações sexuais. Ela via o prazer imenso, infinito, e o lirismo intenso do seu erotismo que se alimentava de exagero constante. Descreve o orgasmo ideal, em termos de paroxismo, como um paraíso onde se deseja entrar e onde se vê já em pensamento. Em seus contos eróticos mantém sempre o senso da beleza carnal e da elegância moral, mesmo nas perversões. O órgão sexual feminino é comparado a uma flor, seu lubrificante natural ao mel. Henry e June delírios eróticos, história verídica de Anaïs Nin, é uma compilação de diários relatando as experiências eróticas de Henry e June Miller em Paris (CARVALHO, 2008, p. 27-28).

⁵ Eu estava certa de que o tal velho nada sabia a respeito da beleza, dos êxtases e das deslumbrantes reverberações de um encontro sexual. Cortar a poesia era a sua mensagem. Sexo clínico, privado de todo o calor que só o amor lhe pode dar — a orquestração de todos os sentidos, tato, audição, visão e paladar; todos os acompanhamentos eufóricos, música de fundo, estados de espírito, atmosfera, variações — forçava-o a recorrer a afrodisíacos literários (NIN, 2005, p. 07).

Consoante as considerações de Carvalho (2008), nota-se que a Anaïs Nin explora em suas obras características anteriormente não utilizadas no que concerne à sexualidade. Tais características puderam ser impulsionadas por meio da estética surrealista em que as escritoras puderam expor de forma ampla a sexualidade feminina.

Neste panorama, Nin faz parte de uma nova tradição na produção literária de autoria feminina que a duras penas e de forma lenta surgiu e se solidificou, visto que a sociedade machista e patriarcal impôs ao longo do tempo que a mulher deveria ser submissa nos moldes do *O anjo do lar*⁶.

A própria autora reflete acerca do papel da mulher em relação à literatura erótica, não se limitando à representação da mulher nos textos, mas pondera sobre a escrita ao relacionar a de autoria masculina e a de autoria feminina. Em *Delta de Vênus* (2005) a escritora reverbera sobre a tradição de tratamento do masculino e do feminino acerca do ato sexual e que este estava ligado ao modelo imposto pelos homens no que concerne à literatura erótica. No que diz respeito, Moraes (2005) faz a seguinte afirmação:

Texto corajoso, sobretudo, se lembrarmos que foi criado no início dos anos 40 e, ainda mais, por uma mulher. Talvez isso explique sua edição tardia, uma vez que só veio a público em 1977, logo após a morte da escritora. Anaïs Nin não pode testemunhar, portanto, o estrondoso sucesso do volume, que, uma vez lançado, se manteve durante 36 semanas nas listas de best-sellers do país. *Delta de Vênus* foi um livro certo na hora certa (MORAES, 2005, p. 1).

Observa-se nas obras de Nin como a sexualidade é apresentada de forma livre, desapegada de conceitos definidos por uma sociedade patriarcal dominada por um clérigo cheio de pudores. Na época na qual os contos foram escritos, embora ainda hoje se possa observar, os pudores e a obediência do povo pela religião eram mais seguidos, tendo em vista que, para ler uma obra assim, necessitava-se de quem pagasse e de quem escrevesse. Sem contar os regimes totalitários. É perceptível como a sexualidade e o erotismo são mantidos na obra, não há filtro. É possível ver com real clareza o que acontece com duas pessoas em busca do prazer.

⁶ *O anjo do lar* (*The Angel in the House*) é um poema escrito por Coventry Patmore que expõe o comportamento ideal de uma mulher em um casamento, sendo sempre submissa ao seu esposo para fazê-lo feliz.

3 COMO A LITERATURA ERÓTICA É VISTA

A Literatura Erótica, enquanto gênero literário, sofre com algumas concepções distorcidas a seu respeito. Por o sexo ser um tabu na sociedade, falar de assuntos ligados às práticas sexuais e afins, esta característica pode fazer com que se desencadeie uma série de más interpretações. Contudo, as representações artísticas durante ao longo da história não deixaram de usá-la em seu ínterim.

Pode-se notar que a literatura, entre outras artes, desempenha um importante papel no tocante às representações eróticas. Quando tratarmos de Literatura Erótica, há milênios já se fazia este tipo de narrativa, como pode ser observado na Literatura Sânscrita com a obra *Kama Sutra* do autor Vatsyayana. Na literatura ocidental, pode-se destacar, entre outras obras, *Decamerão* do italiano Giovanni Boccaccio. Na primeira obra, o autor sugere posições sexuais jamais vistas e são usadas até hoje; na segunda percebe-se o uso de temas como luxúria, sexo e infidelidade⁷.

Entre as representações estéticas que expõem as relações sexuais, é possível ocorrerem confusões relacionadas a este gênero tais como cair no binarismo: pornografia *versus* erotismo. Com um olhar mais atento para as duas nomenclaturas, perceberemos que há uma linha tênue entre elas. Comumente uma percepção mais conservadora não verá uma cena de sexo implícito como erótica, mas pornográfica, conseqüentemente a divisão em dois gêneros para denominar uma única ação é demasiada complexa.

O EROTISMO se apresenta sob o signo da diferença. Uma diferença dramática, violenta, exagerada e misteriosa. Esta ideia emerge quando observamos com atenção uma banca de jornais. Em um canto, um pouco mais isolada e meio escondida encontramos a pornografia *hard core*. Ao lado, um pouco mais visível, os livros pornográficos da Olympia Press. Mais à mostra, então, as revistas eróticas como Playboy e Penthouse. (ALBERONI, ano 1988, p. 9)

É necessário, por esta razão, distinguir entre um e outro, pois, havendo esta aproximação no significado, quando se rotula erótico de pornográfico ou pornográfico de erótico há uma permanência na falta de informação sobre o que é um e o que é o outro. Com o aumento e a difusão da literatura erótica nos dias

⁷ Disponível em: <<https://super.abril.com.br/blog/superlistas/10-momentos-eroticos-da-literatura/>>. Acesso em 08 de out. 2019.

atuais, é possível encontrarmos as distinções que lhes são devidas, mas ainda há distorções.

O termo pornografia era usado na Inglaterra Vitoriana para designar qualquer obra que corrompesse a moral da época. Não necessariamente as cenas de sexo precisariam estampar as páginas, bastaria escandalizar a sociedade inglesa do século XIX por seu conteúdo “subversivo”. Um autor mundialmente conhecido e censurado pelos britânicos foi o romancista irlandês James Joyce, pois o que ele propunha, os seus contemporâneos não interpretavam como algo que merecesse ser lido.

Eram considerados pornográficos, pela justiça inglesa do século XIX, todos os textos que fossem escritos ‘com o único propósito de corromper a moral dos jovens, e com teor capaz de chocar os sentimentos de decência de qualquer mente equilibrada’ (CASTELLO BRANCO, 2004, p. 15-16).

O termo pornográfico só foi associado ao sexo na conservadora sociedade dos Estados Unidos da América. Diferindo das leis britânicas, os americanos proibiram todo e qualquer assunto que representasse o sexo, fosse por pessoas, fosse por animais, pois:

De acordo com a justiça americana da época, eram considerados pornográficos quaisquer assuntos ou coisas que exibissem ou representassem visualmente (ou verbalmente) pessoas ou animais mantendo relações sexuais (CASTELLO BRANCO, 2004, p. 17).

Embora se tenha tentado negar a importância e até mesmo censurar a veiculação de textos de cunho erótico, durante séculos este gênero circulou por diversos âmbitos sociais ao redor do mundo. É possível dizer que a narrativa erótica existe há séculos, outro exemplo é *Satíricom*, de Petrônio, provavelmente escrita por volta do ano 60 d.C. Contudo, na contemporaneidade, o erotismo é falado como algo novo na mídia, os livros lidos pelo grande público e o áudio visual trazendo esta temática para o centro das discussões, alimenta a ideia de algo transgressor, mas um olhar mais atento perceberá que não é bem assim.

Os mitos e os preconceitos sobre o que é o erótico existirão sempre. É nessa relação entre sexo e elementos moralizantes da sociedade que Eliane Robert Moraes, professora de Literatura Brasileira da USP, faz a seguinte observação:

Para o senso comum, o pornográfico é o que 'mostra tudo', enquanto o erótico é 'o velado'. Mas para o estudioso do erotismo literário, trata-se de uma distinção falsa, quase moralista. Livros como os do Marquês de Sade, de Georges Bataille, são muito mais obscenos do que a pornografia

comercial de uma Bruna Surfistinha ou de uma E. L. James. A diferença entre eles não está no grau de obscenidade, mas na composição formal⁸.

Observa-se que na relação entre erotismo e pornografia é comum haver dúvidas relacionadas às duas nomenclaturas, visto que ao erotismo é empregado um valor estético que não é dado à pornografia. Não é estranho observar o fato de que erótico é caracterizado como mais implícito, enquanto pornográfico é mais explícito, enquanto isso não passa de uma questão do senso comum sobre o que é um e o que é o outro (Cf. ALEXANDRIAN, 1993).

Na fala da professora, é nítido o reforço em mostrar o pensamento das pessoas sobre as práticas sexuais consideradas eróticas e pornô. Mas se houver a possibilidade de um olhar mais aprofundado não é bem assim como veem as pessoas. Existe, mesmo que pouca, uma diferença que, se bem percebida, será tênue entre um e outro. Observa-se, assim, que:

A classificação de uma obra como erótica ou pornográfica está associada a uma pretensa qualidade, ou seja, o erotismo predispõe um cuidado estético que, no nosso pré-julgamento, imediatamente atrelamos a uma obra de qualidade. A pornografia, ao contrário, é rapidamente associada à vulgaridade, sujeira e escatologia, portanto, dotada de pouca ou quase nenhuma qualidade. Na realidade, trata-se de um preconceito com relação a um assunto proibido, pois seu domínio sempre permaneceu obscuro uma vez que o sexo e suas manifestações, assim como as discussões sobre esse tema, configuram-se como um tabu ao longo da história (CARVALHO, 2008, p. 11).

Apreende-se, assim, que a concepção de erotismo e pornografia está associada à forma como o que muitas vezes é considerado obsceno pela sociedade é retratado. Contudo, a diferenciação entre um termo e outro não inviabiliza a compreensão dos textos, pois “o entendimento de uma produção literária que se perpetua ao longo da história da literatura e congrega leitores de diferentes tipos, nem sempre interessados em desvendar os limites entre o erótico, o pornográfico e o obsceno” (CARVALHO, 2008, p. 11).

Observa-se, assim, que caracterizar algo como sendo pornográfico é bastante simplista. Uma imagem com duas, três, quatro ou mais pessoas em uma cena de

⁸ Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2015/06/30/novos-ensaios-sobre-sade-esquentam-literatura-erotica-na-flip-2015.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 08 de out. 2019.

sexo explícito será extremamente gritante tendo em vista determinada concepção de moral de uma sociedade⁹.

Octavio Paz afirma:

A linguagem – som que emite sentido, traço material que denota idéias corpóreas – é capaz de dar nome ao mais fugaz e evanescente: a sensação; por sua vez, o erotismo não é mera sexualidade animal – é cerimônia, representação. O erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora (PAZ, 1994, p.12).

Octávio Paz (1994) ressalta a relação intrínseca existente entre o erotismo e a linguagem, em que a linguagem evoca os sentidos, a percepção e não se restringe à sexualidade animal/reprodução, à qual o sexo é comumente associado, mas a algo novo: o prazer e as possibilidades de sua exploração por meio dos sentidos que as palavras estimulam, instigam. Associado a esse contexto, acrescenta-se a observação de Alexandrian acerca de erotismo, pornografia e obscenidade, vejamos:

A pornografia é a descrição pura e simples dos prazeres carnis; o erotismo é essa mesma descrição revalorizada em função de uma idéia do amor ou da vida social. Tudo o que é erótico é necessariamente pornográfico, com alguma coisa a mais. É muito mais importante estabelecer a diferença entre o erótico e o obsceno. Neste caso, considera-se que o erotismo é tudo o que torna a carne desejável, tudo o que a mostra em seu brilho ou em seu desabrochar, tudo o que desperta uma impressão de saúde, de beleza, de jogo deleitável; enquanto a obscenidade rebaixa a carne, associa a ela à sujeira, às doenças, às brincadeiras escatológicas, às palavras imundas (ALEXANDRIAN, 1993, p. 8 apud CARVALHO, 2008, p. 13).

Nota-se, assim, que na sociedade patriarcal e machista muitos valores/tabus foram criados como forma de encerrar a literatura erótica sob uma perspectiva de representação velada dos atos sexuais ao criar o binarismo erotismo x pornografia, sendo que o primeiro congrega as características do segundo.

Nota-se que a literatura erótica terá diversas formas de representar à medida que progride a produção de tais textos nas diversas sociedades, passando por Donatien Alphonse¹⁰ François de Sade (1740/1814), mais conhecido por Marquês de Sade, começa a escandalizar a sociedade francesa com os seus escritos; Leopold

⁹ A título de curiosidade, pode-se observar que há alguns quadros pintados retratando uma cena de sexo, contudo não é comum haver pessoas se voltando para eles e fazendo afirmações de cunho moralista. Pablo Picasso, Salvador Dalí, Paul Cézanne e Gustave Coubert são alguns que fazer parte desta lista.

¹⁰ *Filosofia na Alcova* (1795) é um livro que transgrede o moralismo francês do final do século XVIII. Conhecido como devasso por seus contemporâneos, até os dias de hoje existem resquícios de seus escritos com o termo sadismo. Na obra *120 Dias de Sodoma* (1904), também de Sade, o mais alto teor de bestialidade foi cometido por suas personagens.

Von Sacher-Masoch¹¹; Atualmente, é possível notar o valor e a notoriedade que se dá ao gênero erótico. Quando falamos de literatura erótica, é provável ocorrer a lembrança da trilogia *Cinquenta Tons de Cinza*, os Livros de Sylvia Day, Nana Pauvolih ou Cassandra Rios, por exemplo. Além desses, Anaïs Nin cuja obra possui forte teor erótico ao passo que também representa reminiscências psicanalíticas. Destarte, “Observamos também que o campo da literatura erótica é desenhado por alguns elementos comuns entre si, são eles: as relações de poder e submissão, os tabus e a posição feminina” (CARVALHO, 2008, p. 23).

Dessa forma, apreende-se que, de acordo com as escolhas estéticas do autor, o período em que foi escrita a obra e o contexto social, o erotismo será representado de formas diferentes ao longo do tempo, seja com características mais explícitas ou implícitas; contudo, deve-se evitar o binarismo entre erótico e pornográfico, tendo em vista sua relação de diferentes significados, podendo, claro haver confusão, mas uma se distingue da outra. Afinal o que diferencia erótico de pornográfico é como as cenas de sexo acontecem; Enquanto o erótico será mais estético e apenas insinuará, o pornográfico escrachará.

4 “MANUEL”: ASPECTOS ERÓTICOS

“Manuel”, conto escrito por Anaïs Nin, traz em sua narrativa uma personagem com um fetiche bem longe do aceitável, até mesmo admirável pelos que o cercam. Ao longo da leitura o narrador envolve o leitor em um emaranhado de situações, as quais o protagonista causa repúdio em sua família por gostar da prática masturbatória, o que o faz se afastar da mesma.

Manuel tinha desenvolvido uma peculiar forma de desfrute que fez com que sua família o repudiasse e ele tivesse que viver como um boêmio em Montparnasse. Quando não estava obcecado por suas exigências eróticas era astrólogo, um cozinheiro extraordinário, um grande conversador e uma excelente companhia para um café. Mas nenhuma dessas ocupações conseguia que ele desviasse a mente de sua obsessão. Mais cedo ou mais tarde, Manuel tinha que abrir suas calças e exibir o membro bastante formidável (NIN, 2016, p. 257).

Nota-se, no texto, que Manuel é um homem como outro qualquer; ele apenas era possuído por uma vontade descomunal de se satisfazer sexualmente. Algo que

¹¹ Por meio de sua produção literária, também teve o seu nome empregado a determinadas práticas sexuais, visto que o seu nome alude ao masoquismo. Isto porque a narrativa de *A Vênus das Peles* (1870) trata justamente da submissão na prática sexual.

desconfortava a sua família e pessoas que o cercavam. Possuía um dom para contar casos, para a culinária etc. Mas o seu fetiche o fazia esquecer de tudo isso. Então a compulsão sentida por ele o fez protagonizar diversas situações, até conhecer uma mulher em um trem que o satisfiz nesta prática.

O erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Nisso nos enganamos porque ele procura constantemente fora um objeto de desejo. Mas este objeto responde à interioridade do desejo. A escolha de um objeto depende sempre dos gostos pessoais do indivíduo: mesmo se ela recai sobre a mulher que a maioria teria escolhido, o que entra em jogo é freqüentemente um aspecto indizível, não uma qualidade objetiva dessa mulher, que talvez não tivesse, se ela não nos tocasse o ser interior, nada que nos forçasse a escolhê-la (BATAILLE, 2004, p. 20).

A posição de Bataille sobre os desejos íntimos de alguém mostra que as práticas de satisfação sexual são peculiares. Um indivíduo pode, sem dúvida, ter as mais inimagináveis preferências de cunho erótico, até porque o erotismo faz parte da vida interior do ser humano, como o autor mesmo diz; por conseguinte fica claro que os sentimentos, as vontades, os fetiches são naturais.

Contudo não foi assim que a família e os mais próximos a Manuel o viam. Sempre tido como um libertino, sua vida íntima causava muito constrangimento nas pessoas que o cercavam, e muito sofrimento para a satisfação dele próprio. Muitas vezes Manuel se escondia em vagões de trens, ruas escuras. Fica evidente, no decorrer da leitura, que ele gostava de admiradoras, sempre que uma mulher via seu pênis, ele atingia alto nível de excitação. Era um verdadeiro exibicionista.

Quanto mais gente, melhor. Quanto mais sofisticada fosse a festa, melhor. Se estava no meio de artistas e modelos, esperava até todo mundo estar um pouco bêbado e licencioso, e então se despia completamente. O rosto ascético, os olhos sonhadores e poéticos, e o corpo descarnado de monge ficavam em tamanha dissonância com o comportamento que surpreendia todo mundo (NIN, 2016, p. 257).

Mas ele é tomado, de vez em quando, por uma força maior, que o faz expor o seu fetiche. Sempre que está em público, ele sente o desejo de exhibir o pênis e masturbá-lo. Se estiver na companhia de mulheres, melhor ainda, na frente de artistas e modelos o protagonista deste conto gosta de fazer uso desta prática quando eles estão mais altos no teor alcóolico. Este comportamento de Manuel nos leva de encontro ao que Bataille (1987) aponta:

A atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuais e aos homens, mas, aparentemente, só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica independente do fim natural

encontrado na reprodução e na preocupação das crianças (BATAILLE, 1987, p.10).

Manuel persegue incansavelmente uma satisfação que não se limita à reprodução, que seria a finalidade, em um primeiro momento, comum a todos os seres, tais como os animais que cruzam por uma necessidade reprodutiva. Mas o homem vai além, a sua satisfação abarca outros elementos que fazem parte do seu imaginário sobre o sexo, o que envolve práticas e escolhas que buscam satisfazer também a sua imaginação, o que envolve a exploração de seus sentidos para atingir o orgasmo. Vemos, assim, que “[...] da atividade sexual de reprodução da qual o erotismo é uma forma particular” (BATAILLE, 1987, p. 10).

A narrativa faz com que o leitor vá ao âmago da personagem, sempre sobrecarregada de desejo, isso faz com que ele tenha a preferência de trabalhar em estúdios frequentados por mulheres em sua maioria. Dessa forma ele terá uma plateia pronta para assistir aos seus espetáculos exibicionistas. Esse era o seu grande prazer, quando podia ser admirado, Manuel atingia o grau máximo da excitação e do orgasmo.

Posava como modelo e procurava trabalho em estúdios de mulheres. Mas a condição que ele acabava por manifestar ao ficar parado lá sob os olhos das estudantes fazia com que o jogassem no meio da rua (NIN, 2016, p. 257).

Como é possível perceber em sua trajetória, o importante para Manuel não é o sexo no sentido literal que todos o conhecem, o que ele deseja é ser admirado. Isso o excita e o faz entrar numa espécie de transe quando é olhado ao sacudir seu pênis.

O erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão. A própria sexualidade animal introduz um desequilíbrio e este desequilíbrio ameaça a vida, mas o animal não o sabe. Nele nada se abre que se assemelhe com uma questão. Seja como for, se o erotismo é a atividade sexual do homem, o é na medida em que ela difere da dos animais. A atividade sexual dos homens não é necessariamente erótica. Ela o é sempre que não for rudimentar, que não for simplesmente animal (BATAILLE, 1987, p. 20).

Bataille mostra, na citação, algumas características que remetem a Manuel: ele não queria sexo por sexo, não desejava a prática rudimentar mais próxima a um animal. Ele tinha o desejo, este fazia parte de seu erotismo. Dessa forma é possível compreendê-lo e não de julgá-lo como um perverso. O conto é bastante pertinente ao abordar tal tema, assim a personagem portadora de tal necessidade erótica

passa a ser discutida, além de quebrar os tabus e falar de algo que é muitas vezes ignorado e muito malvisto.

O que interessava para Manuel era a exibição e admiração para com o seu pênis. Não há, neste conto, passagens que mostrem cenas de sexo selvagem ou mais amena. O íterim da narrativa explora mais a psique de Manuel do que o sexo. Seu fetiche serve como um pano de fundo para mostrar os mais variados tipos de desejos e formas de satisfação, de como se pode chegar ao clímax sem que haja a consumação do ato.

Sendo assim, para uma obra ser caracterizada como erótica não é necessário que seja explorada cenas mais explícitas de sexo, isso não quer dizer que cenas explícitas não podem fazer parte de obras erótica, em Manuel ocorrem cenas explícitas. Vemos, em Manuel, como Nin explora os sentidos, sugere à imaginação do leitor a cena, aguça a fantasia por meio da busca da personagem pelo seu orgasmo.

O narrador deixa claro, ao logo do conto, que Manuel não sente o desejo sexual pela penetração; neste caso, ele não busca pela junção dos corpos. Para ele, é o desejo que o faz cometer tamanhas peculiaridades: exibição em público; quando é dito em público, é também referente à rua, trens e o que mais for imaginado e não citado na obra, mas que ela suscita.

Com frequência, ficava parado em esquinas escuras, nu por baixo de sobretudo, e, quando uma mulher passava, abria o casaco e sacudia o pênis para ela. Mas isso era perigoso, e a polícia punia tal comportamento com bastante severidade. Com mais frequência ainda, gostava de entrar em um compartimento de trem vazio, abrir dois botões e recostar-se como se estivesse bêbado com o pênis aparecendo através da abertura. Nas outras estações entrava mais gente. Se tivesse sorte, podia ser que uma mulher sentasse defronte dele e o encarasse (NIN, 2016, p. 258-259).

O teor erótico explorado no enredo do conto, e dos demais contos de *Delta de Vênus*, faz com que os leitores vejam com um olhar diferenciado todo e qualquer tipo de abordagem das práticas eróticas de um ser. Quando o leitor se permite analisar, de forma crítica, toda forma de representação artística, ele está fazendo uso da posição de uma testemunha ocular de todos os fatos ocorridos para tomar a sua decisão. Isso acontece com a literatura de modo geral.

O narrador de obras eróticas mostra ao leitor que é possível falar de relações sexuais com práticas mais intensas sem que seja considerado algo sujo, que mereça ser desprezado. O leitor verá que pode ser bonito, estético e bastante

proveitoso para análises mais aprofundadas do tema, isto que tais práticas fazem parte da satisfação psicológica que o homem busca à parte a finalidade de reprodução da qual o erotismo é marca particular (Cf. BATAILLE, 1987), pois:

O erotismo é uma forma de conhecimento do corpo. Do nosso corpo, do corpo do outro, um conhecimento adquirido através do corpo. Nosso corpo torna-se objeto erótico, quando queremos agradar aos outros. É o desejo dos outros que põe em movimento o nosso conhecimento (ALBERONI, 1988, p. 219).

Como já foi dito ao longo deste trabalho sobre as características que relacionam o erotismo e a pornografia, observa-se que uma categoria está contida na outra, elas não se excluem, mas sim se complementam. Observa-se que na exploração das marcas eróticas na tessitura da obra, uma das características que se pode encontrar é a da sedução e a sua relação conflituosa com o amor, em que este não é suficiente para despertar o interesse do outro – em outras palavras, de acordo com Alberoni (1988), voltamos à questão da satisfação psicológica. Vejamos:

No erotismo há conflito entre espontaneidade e artifício, entre amor e sedução. Tanto as mulheres como os homens aprendem muito cedo muitas vezes no fim da infância, que o amor puro, desinteressado, sincero não basta para despertar o interesse do amado (ALBERONI, 1988, p. 193).

Essa passagem do texto de Alberoni é muito interessante, pois, mais uma vez, remete ao Manuel, pois em nenhum momento ele fala de amor, tampouco o narrador mostra o sentimento de Manuel por alguém, nem mesmo um determinado tipo físico que o atraia. O que fica evidente é que ele se sente atraído pelas mulheres, não especifica o biotipo, apenas o sexo.

O que não resta dúvidas é de que ele gostava de ser admirado por mulheres. Além disto, não há pistas sobre os sentimentos dele. Apenas o seu fetiche estava em questão. Tanto que em uma passagem do conto, ele se dispõe a fazer os serviços domésticos da esposa de um agente literário, cansada da vida que levava. Assim ele conseguiu uma pessoa que estivesse disponível para o que ele mais gostava de fazer:

Finalmente encontrou a esposa de um agente literário sem dinheiro que estava morrendo de fome e de sobrecarga de trabalho, com quem ele estabeleceu o seguinte acordo: ele chegava de manhã e fazia todo o serviço doméstico para ela, lavava os pratos, varria o estúdio, fazia serviço de rua, com a condição de que podia se exibir quando estivesse tudo pronto (NIN, 2016, p. 258).

Um olhar mais atento pode encontrar em Manuel a característica muito peculiar de uma pessoa egoísta, apenas interessada em saciar os seus desejos libidinosos, não medindo esforços para conseguir alguém que o veja, que o admire; o ato de servir como o alvo de voyerismo o deixa excitado. Não é encontrado em nenhum lugar do texto que o Manuel já amou, gostou, pelo menos de alguém. Tudo é bastante restrito ao seu prazer. Nada mais importa.

A admiração que ele sente pelo seu membro é tamanha que o narrador o compara a um pote de ouro:

Aquela mulher desenvolveu a arte de satisfazê-lo por completo. Ficava absorta no pênis, dizendo: - Que belo pênis você tem aí, o maior que já vi em Montparnasse. Tão liso e duro. É lindo. Enquanto ela dizia essas palavras, Manuel continuava a sacudir o pênis como um pote de ouro sob os olhos dela, e a boca dele enchia de saliva. Admirava a si mesmo. Enquanto os dois se curvavam sobre o pênis para admirá-lo, o prazer ficava tão agudo que ele fechava os olhos e era tomado por um tremor físico da cabeça aos pés, ainda segurando o pênis e sacudindo-o sob o rosto dela. Então o tremor se transformava em ondulação, ele caía no chão e se enroscava como uma bola ao gozar às vezes sobre o próprio rosto (NIN, 2016, p. 258).

Pode-se notar que a narrativa traz uma comparação entre o pênis e um pote, mas não um pote qualquer, um pote de ouro. Visto que o membro de Manuel era um grande orgulho para si, ele o segurava e o sacudia, a mulher o via e o admirava. Ele também admirava seu próprio pênis. Sabe-se que esta passagem mostra o que Manuel fez na história, ele se prontificou em fazer os serviços do dia-a-dia da mulher, logo seu órgão sexual permitiu que ele tivesse uma admiradora, por sua vez a mulher teria alguém que fizesse os trabalhos da casa.

A mulher ficou altamente agradecida por ele fazer aquilo por ela, tanto é que ela não se importou em ser voyeur para Manuel. O fato de ser de ouro, Manuel enxergou naquela situação algo vantajoso, algo conseguido por ter um membro que ele considerava um prêmio, logo um objeto de ouro muito valioso.

Ao final do conto é dito que Manuel se casou com uma prostituta que ele conheceu enquanto se exibia em um vagão. Ela compartilhava do mesmo prazer que ele: exhibir-se para os outros em busca de prazer e sem precisar de toque nos membros para alcançar a excitação máxima.

Ele observou-a com os olhos semicerrados. Ela deu uma olhada nas calças parcialmente abertas de Manuel e então olhou de novo. Também se recostou e pareceu adormecer, com as pernas escancaradas. Quando o trem partiu, ela ergueu a saia por completo. Estava nua por baixo. Esparramou as pernas abertas e se expôs enquanto olhava o pênis de

Manuel, que estava endurecendo e aparecendo através das calças, e que por fim projetou-se completamente. Ficaram sentados frente a frente mirando um ao outro fixamente. Manuel teve medo de que a mulher se movesse e tentasse agarrar o pênis, o que não era em absoluto o que ele queria. Mas não, ela era viciada no mesmo prazer passivo. Ela sabia que ele estava olhando para o sexo dela, sob o pelo muito preto e cerrado, e finalmente abriram os olhos e sorriram um para o outro. Ele estava entrando no estado de êxtase, mas teve tempo de reparar que ela estava em estado de prazer também. Pôde ver a umidade cintilante aparecer na boca do sexo dela. Ela se mexia quase que imperceptivelmente para lá e para cá, como se estivesse se ninando. O corpo dele começou na frente dele, sorrindo o tempo todo. Manuel casou com essa mulher, que jamais tentou possuí-lo como as outras (NIN, 2016, p. 260).

Manuel estava em um vagão de trem quando resolveu fazer o que lhe era de costume, pôs seu pênis para fora e começou a masturbá-lo, uma mulher que estava em frente a ele também fez o mesmo. Ambos não se conheciam, quando ele abriu os seus olhos e viu que estava servindo de estímulo para a mulher em sua frente riu para ela. Os dois se casaram.

O trecho acima mostra quando Manuel conhece a mulher que possuía o mesmo desejo que ele. Ele não queria toques, penetrações ou algo que o valha, o que interessava para ele era a exibição, ele queria ter orgasmo com a masturbação apenas. Como ele viu que a mulher gostava do mesmo que ele, ambos casaram. Manuel encontrara sua alma gêmea.

Não diferindo do que já foi escrito, esta passagem faz com que o leitor olhe para ele e cogite uma possível redenção, uma vida conjugal apareceu na história, até aí não era possível imaginar que ele quisesse algo parecido. Manuel passou boa parte de sua vida praticando sua fonte de excitação através das práticas consideradas não naturais.

5 CONCLUSÃO

Analisar a obra de Anaïs Nin é embarcar em uma viagem pela mente de uma personagem conflituosa, é como ir ao mais fundo da psique de uma personagem que desenvolveu o gosto pelas práticas mais simples até algumas mais impactantes. O leitor de uma obra como *Delta de Vênus*, por exemplo, tem em mãos um vasto conhecimento das mais inusitadas passagens eróticas que alguém já tenha lido. Aborda temas variados, mostra situações conflituosas e faz com que a pessoa que leia tenha uma ideia mais apurada das cenas mostradas.

O texto literário analisado foi de grande importância para o desenvolvimento deste trabalho que tem como contribuição a desmitificação da visão que se tem acerca da literatura erótica, que ainda é um tabu. Mas eles podem ser quebrados, muitos preconceitos podem ser acabados, basta um olhar mais desprendido do que se convencionou como “normal”. Manuel tinha os seus prazeres ao seu modo, algo tão natural quanto qualquer outra prática sexual. Caso não houvesse tantos mitos sobre o sexo, tanto moralismo com respeito às práticas sexuais, esta personagem não teria passado por tantas situações embaraçosas. O problema maior era o fato de fazê-lo em público, com o único desejo de se satisfazer.

Os objetivos propostos com este trabalho foram alcançados ao expor quão tênue são as diferenças entre erótico e pornográfico que terminam por serem categorias complementares uma da outra (Cf. CARVALHO, 2008). Tendo como ponto de partida a análise do conto Manuel, escrito por Anaïs Nin, ele faz parte de uma coletânea e contos do livro *Delta de Vênus* que além de explorar as duas nomenclaturas (erotismo e pornografia), mostra que além da literatura muitas outras representações artísticas já usaram o erotismo para compor sua arte.

A relevância desta pesquisa também se centra no fato que temas de cunho erótico são pouco abordados em trabalhos acadêmicos, em favorecimento de outros temas. Por esta razão foi de grande importância a realização de mais um trabalho explorando uma temática rica de grande aprendizado para quem resolve pesquisar sobre ela.

REFERÊNCIAS

ALBERONI, F. *O Erotismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

ALEXANDRIAN, S. *História da literatura erótica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BATAILLE, G. *O Erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987

BRANCO, L. C. *O que é erotismo*. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2004

CARVALHO, R. A. *Erotismo e a intertextualidade na narrativa de Márcia Denser*. São Paulo, 2008 91 f. , 30 cm Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008.

LIMA, R. M. A imagem do sátiro no conto “O internato” de Anaís Nin como elemento de transgressão/perversão na narrativa. In: *Congresso Internacional ABRALIC*, 2018, Uberlândia MG. ANAIS ELETRÔNICOS DO CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC 2018. Uberlândia MG: ABRALIC 2018, 2018. v. 2. p. 2981-2991.

MORAES, Eliane R. *Tempo não é cruel com Anais Nin*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1902200514.htm>Acesso em: 12 de novembro de 2019.

NIN, A. Manuel. In.: *Delta de Vênus*. Porto Alegre: L&PM, 2016.

PAZ, O. A dupla chama amor e erotismo. 4. Ed. São Paulo: Siciliano, 1994.